

Resenhas

misticismo libertário e negação ao estado

GUSTAVO RAMUS

Leon Tolstói. *Cristianismo e anarquismo*. Tradução de Railton S. Guedes. Rio de Janeiro, Achiamé, s/d, 62 pp.

O livro *Cristianismo e anarquismo*, recém lançado pela editora Achiamé, reúne cinco escritos muito raros do escritor russo Liev Nikolaiévitch Tolstói (1828-1910), conhecido por suas novelas *A felicidade conjugal*, *A sonata à Kreutzer*, *A morte de Ivan Ilitch*, *Ana Karênina*, *Guerra e Paz*, entre outros. No entanto, Tolstói também desenvolveu diversos textos políticos, muito embora estes não tenham obtido a mesma repercussão de suas novelas. Dentre estes escritos destacam-se *Confissão*, *Minha religião* e *O Reino de Deus está em vós*.

Liev Tolstói reinterpretou o cristianismo de forma singular, aproximando-o de uma perspectiva anarquista. O cristianismo para ele tinha como base o pacifismo, a negação do serviço militar e, conseqüentemente, do Estado. Suas ideias eram muito radicais para a sua época, e, por isso, foi excomungado pela Igreja Ortodoxa Russa

Gustavo Ramus é bacharel em Ciências Sociais, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP, bolsista CNPq e pesquisador no Nu-Sol.



em 1879 e, concomitantemente, ultrapassou diversas formas de insultos e ameaças. Para Tolstoi, quem seguisse os Evangelhos não poderia obedecer nem ao Estado e nem a Igreja. Em seu misticismo, o homem só pode e deve obedecer a sua própria consciência. Não aceitava nenhuma forma de subordinação e formação de hierarquias.

No convívio com os camponeses, Tolstoi entrou em contato com seitas religiosas antagônicas à tradição católica. Baseado na experiência das primeiras comunidades cristãs que, para alguns historiadores, como Pietro Gori, foi a primeira experiência socialista da humanidade, Tolstoi idealizou a formação de comunidades agrárias, onde prevalecesse a igualdade, o amor e a solidariedade. Tentou conciliar sua vida ao seu misticismo, aderiu ao vegetarianismo, parou de caçar, vestia roupas simples e realizava tarefas antes destinadas aos empregados. Seu novo estilo de vida era refratário aos costumes de seu meio social, e, por isso, vivenciou diversas crises existenciais. As tentativas de radicalizar sua vida, muitas vezes esbarravam na vontade de sua família, como, por exemplo, quando aspirou renunciar aos direitos autorais de suas obras, ou quando quis dividir suas terras entre os camponeses. Fundou uma escola voltada somente para os filhos dos camponeses, na qual experimentou um novo método pedagógico sem divisões por série ou idade, aulas ao ar livre, estimulando a curiosidade da criança e propiciando o desenvolvimento de uma consciência crítica.

O resgate das primeiras comunidades é essencial para compreender o cristianismo de uma perspectiva libertária. Práticas como a recusa da idolatria de imagens, a não edificação de templos, a não constituição de pastores, juntamente com o preceito de fazer o bem a outrem por meio do desprendimento de si, diferenciam o cristianismo



primitivo da Igreja oficial. Temos de um lado o símbolo do catolicismo tradicional, a cruz, uma insígnia da morte e da construção de um mártir, a exaltação do sacrifício e de uma dívida em relação ao *salvador*. E de outro lado, o peixe, símbolo do cristianismo primitivo, uma referência à ágape. A nutrição do corpo, o momento da refeição, mais precisamente a socialização do banquete, era como um ritual de consagração. Compartilhar a refeição era uma prática social afirmativa do igualitarismo no modo de vida dos primeiros cristãos. Porquanto, a nutrição é tida como fonte de vida; o alimento passa a ser uma benção e, como esse alimento provém da natureza, esta é tomada como sagrado. A devoção cristã, aliada a um pensamento libertário, não estaria nos sacrifícios, mas sim em práticas que aproximam o homem da natureza.

O livro *Cristianismo e anarquismo* apresenta duas inquietações do anarquismo de Tolstoi: o antimilitarismo e o pacifismo diante do revolucionarismo. O primeiro texto foi escrito entre julho e agosto de 1904 e leva o título *Sobre a revolução*. Segundo Tolstoi, as diversas tentativas de revolução fracassaram pela incapacidade, numérica e bélica, dos revolucionários de derrubarem o exército do Estado russo. Isso resultou na morte de inúmeras pessoas, na maioria jovens, e, também, no aprimoramento do mecanismo de repressão estatal. Tolstoi desqualificava o assassinato do ditador, porque este seria substituído por outro.

Para Tolstoi: “Definir liberdade como o direito de fazer tudo o que não atinja a liberdade de alguns, tudo o que não é proibido pela lei, evidentemente não corresponde ao conceito da palavra liberdade. E não poderia ser de outro modo, porque uma definição semelhante atribui ao con-



ceito de liberdade a qualidade de algo positivo, quando liberdade é uma concepção negativa. Liberdade é ausência de travas. O homem é livre somente quando ninguém lhe proíbe, sob a ameaça da violência, de executar certos atos” (p. 11). Em outras palavras, o homem só será livre quando reconhecer a ilegitimidade e a inutilidade da violência, principalmente do castigo como premissa de obediência e garantia de direitos.

A problematização da violência atravessa o pensamento de Tolstoi; sua recusa por ela é tão grande a ponto de se tornar a principal divergência em relação aos revolucionários. Estes, segundo o autor russo, vivem de uma luta vã, combatem a violência do Estado com outras ações violentas, resultando em um efeito contrário ao seu objetivo. De acordo com Tolstoi, a recusa em pagar impostos e ao serviço militar são práticas muito mais eficazes do que as ações violentas, as greves, ou os panfletos socialistas.

Em *Os acontecimentos atuais na Rússia* (fevereiro de 1905), segundo escrito, o autor assevera que a constituição de um governo violento só é possível por conta de homens ávidos pelo poder, guiados pelo amor à ganância e à ambição, e por aqueles, que por medo, se submetem. O anarquista russo expõe a impossibilidade de representação do povo, seja pelos autocratas, revolucionários ou liberais. Todos estes desconheciam a vontade dos camponeses russos de socializar as terras. Tolstoi defendia o fim da propriedade, e a considerava anticristã, porque, como cristão, tudo deveria ser compartilhado, assim como as terras e o produto do trabalho comum.

O argumento muitas vezes repetido ao longo dos escritos de Tolstoi, que os cristãos não necessitam das leis de



Estado — quase sempre impostas pela violência — pois vivem somente as leis do amor, é mais desenvolvida em *A importância de se negar ao serviço militar*. Cita brevemente um episódio do cristianismo primitivo onde o guerreiro Teodoro, por afirmar ser cristão e não poder portar armas, fora condenado à morte. Já no último escrito, *Aos homens políticos*, comenta, rapidamente e de forma superficial, sobre Godwin, Proudhon, Bakunin, Kropotkin, Stirner, Tucker e Thoreau.

Para o homem se livrar da opressão do Estado, de acordo com a perspectiva de Tolstói, ele precisa mudar sua vida e não mais viver em luta com os outros homens para alcançar algum bem pessoal. Deve adotar para si o princípio cristão de não fazer aos outros o que não queres que façam a ti. Toda autoridade é mentirosa porque se justifica na garantia do *bem comum*, quando na verdade atende a interesses específicos. Quando surge um novo poder para substituir o antigo, este irá fortalecer sua defesa criando mais mecanismos de repressão para se manter. O erro na crença do poder está assegurado na tradição. Acredita na abolição do poder soberano, não pelo uso da força, mas pela consciência dos homens.

É difícil assimilar os argumentos de Tolstói; lançar mão de uma concepção religiosa de vida como uma arma espiritual contra o autoritarismo. A desobediência às leis do homem, a maior qualidade do cristão libertário, está ligada, por sua vez, a uma obediência a um código moral estabelecido pelas leis divinas. O amor ao próximo, por exemplo, torna-se um dever, e junto dele surge uma série de preceitos e obrigatoriedades. Todo homem, argumenta Tolstói, deve melhorar a si mesmo por meio de um trabalho espiritual, um aperfeiçoamento moral e religioso.



Edgar Rodrigues: historiador da anarquia

A radicalidade nos escritos de Tolstói ainda se faz atual: “o dever dos russos e de todos os homens escravizados pelos governos está não em substituir uma forma de governo por outra, mas em suprimir todo governo” (p. 23). Isso possibilita pensarmos criticamente na cultura do castigo, no serviço militar, na polícia e robustecer a recusa à sujeição. Uma vez que todo o poder se forma pela vontade daqueles que se submetem e se sustenta pela cumplicidade dos mesmos, a insubmissão torna-se o ponto mais eficaz de desestabilização da soberania. Mas seria possível afirmar essa recusa sem um movimento de conscientização e de um discurso humanista e moralista? Não se trata de uma substituição de uma moral por outra, é preciso escapar de modelos de resistências, para sobressaírem potências das singularidades por meio da invenção de si.

edgar rodrigues: historiador da anarquia

ANAMARIA SALLES

Anna Gicelle Garcia Alaniz. *A sementeira de idéias: Edgar Rodrigues, uma vida dedicada à memória anarquista*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2009, 108 pp.

A sementeira de idéias: Edgar Rodrigues, uma Vida Dedicada à Memória Anarquista resulta do pós-doutorado na área de Educação concluído pela historiadora uru-

Anamaria Salles é bacharel em Ciências Sociais, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP, bolsista CNPq e pesquisadora no Nu-Sol.

